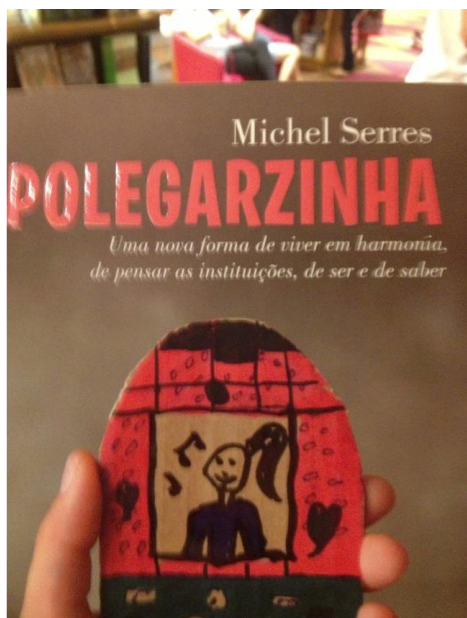

CABEÇAS VAZIAS E DEDOS VELOZES: Uma análise da sociedade pedagógica

Maria Carolina da Silva Caldeira



SERRES, Michel. *Polegarzinha*: Uma nova forma de viver em harmonia, de pensar as instituições, de ser e de saber Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

As mudanças vividas pela humanidade nos últimos 50 anos têm sido tematizadas por diferentes autores/as contemporâneos. No âmbito da sociologia, da filosofia, da antropologia e da educação, diferentes vozes se levantam para falar desse mundo “maravilhoso e paradoxal”, como aponta Silva (1999). É um mundo marcado pela liquidez, tal como afirma Bauman (2004): amor líquido, medo líquido, modernidade líquida, vida líquida, já que tudo muda em uma velocidade assustadora. É também um mundo que vive uma modernidade tardia, como aponta Giddens (1994), já que, a despeito de todas as mudanças, não conseguimos ainda nos desfazer das ideias da modernidade. Ou, na visão de outros, é um mundo pós-moderno, distinto de tudo aquilo que foi produzido anteriormente. Michel Serres, filósofo e epistemólogo francês, no livro *Polegarzinha*, traz mais um modo de teorizar a respeito da contemporaneidade. Diferentemente, porém, dos outros autores aqui citados, o autor se autodenomina como defensor e entusiasta desses novos modos de ser e estar no mundo, marcados, entre outras coisas, pela presença significativa das tecnologias da informação e da comunicação.

Resultado de um discurso proferido na Academia Francesa em 2011, o livro inicia-se traçando um panorama do/a jovem atual. Ele/a, ao contrário daqueles/as que viveram há 100 anos, nunca viu um bezerro, vaca ou ninhada; só conhece da natureza aquilo que ela lhe proporciona em termos de lazer e turismo (embora ainda retire dela seu alimento); ele/a mora em um mundo super povoado e urbano (compartilha esta Terra com mais de sete bilhões de companheiros de espécie) e provavelmente viverá nele por muito tempo, pois sua expectativa de vida, resultado de uma medicina cada vez mais eficaz, lhe garantirá cerca de 80 anos de existência nesse corpo. Corpo esse que também se modifica na atualidade. Se sua expectativa de vida é alta, o momento de seu

nascimento foi programado. Ele/a convive com uma pluralidade religiosa, cultural, étnica, que faz com que o multiculturalismo não seja apenas um discurso, mas uma vivência cotidiana. Diante de tantas diferenças, que história, que saber, que literatura, esses/as jovens compreenderão?

Se as gerações anteriores baseavam sua cultura na antiguidade Greco-latina ou na Bíblia Judaica, esses/as jovens têm sua formação dada pela mídia (que, segundo números oficiais reduziu a capacidade de atenção dos/as jovens para sete segundos) e pela publicidade. Os/as adultos/as transformaram “nossa sociedade do espetáculo em sociedade pedagógica” (p. 18). Nesse sentido, a mídia “há muito tempo assumiu a função do ensino” (p. 19). Essas crianças habitam o virtual, têm outra cabeça (já que a pesquisa pela Internet e a escrita de mensagens com o polegar ativa outros neurônios que não os ativados pela escuta de aulas e pela escrita em cadernos). Vivem em outro espaço, pois pelo GPS têm o mundo às suas mãos e podem encontrar qualquer pessoa a qualquer momento. Um novo ser humano (com uma nova cabeça, uma nova geografia, uma nova temporalidade) nasceu desde os anos 1970. Esse ser humano conhece de outra forma; comunica-se usando outra língua (haja vista o surgimento de inúmeras novas palavras e os novos modos de escrever) e utiliza outro órgão para falar: os polegares (daí o nome, polegarzinha/polegarzinho). Ele também não tem o mesmo senso de pertencimento que se tinha antigamente. Diante de tanta diversidade, ele/a não se identifica como pertencente a uma pátria, um partido, um grupo, um sexo... Se, para muitos/as isso é um problema, Serres enxerga isso com grande otimismo, já que o individualismo advindo do pertencimento causou guerras e destruições. Os/as polegarezinhas/os precisam criar novos laços sociais. A escola – apontada como uma das responsáveis por garantir esse laço social – tem uma estrutura irreconhecível para os/as polegarezinhas/os e aparece como incapaz de criar esses vínculos. Seriam o Facebook e as outras redes sociais os meios de criar sociabilidade na sociedade pedagógica?

O saber, aquilo que deveríamos ensinar para eles/as, tinha como suporte a escrita, os livros. Agora, com a internet, ele está disponível a todos/as, em todo lugar. O antigo espaço de concentração do saber se dilui. Ninguém precisa deslocar-se para aprender alguma coisa. Diante disso, sentimos ser necessária uma mudança no ensino, tal como os gregos precisaram criar a Pedagogia quando da invenção da escrita. Afinal, a/o polegarzinha/o têm sua cabeça fora de seu corpo: o computador funciona como uma cabeça bem cheia, na qual é possível acessar a qualquer informação. Ele/a não mais precisa do saber transmitido. Se a cabeça das gerações anteriores servia para acumular saberes, hoje há um vácuo no lugar dessa cabeça, no qual é possível criar e inventar. A escola muda sua função? Viveríamos o fim da era do saber?

Para Serres, a resposta é sim. À medida que se afasta do saber e da lógica organizativa da página (que impera, ainda hoje, nas novas tecnologias), é possível criar. A polegarzinha tem um pensamento distinto do saber ou, melhor dizendo, ela afirma que “penso e invento quando me distancio desse saber e desse conhecimento, quando me afasto” (p. 42). O vazio que fica no lugar da cabeça do/a polegarzinho/a promove a inteligência inventiva “que se mede pela distância com relação ao saber” (p. 43). O fim da era do saber leva à tagarelice. Enquanto a/o polegarzinha/o usa o seu espaço livre para criar, o/a professor/a continua recitando os saberes aprendidos nos livros. Como esse saber está disponível em outros lugares, os/as polegarezinhas/os, da educação infantil ao ensino superior, tagarelam, tornando quase impossível a escuta do saber presente nos livros. A tagarelice rejeita a oferta do saber e apresenta a demanda por um novo saber. Estamos aptos/as a escutar essa tagarelice? Além da língua liberta, o corpo também se liberta. Nas salas de aula, eles se “mobilizam, circulam, gesticulam, chamam, conversam, facilmente trocam entre si” (p. 49).

Eles/as parecem viver na desordem, mas Serres considera que dessa desordem pode vir um novo saber, nomeado por ele como *terceiro instruído*. Partindo da história de Bouciacaut, criador das lojas de departamento Bon Marche, que certo dia desestruturou toda lógica departamental de sua loja para impulsionar as vendas, Serres acredita que é preciso romper com a lógica fragmentada da universidade para produzir saberes. Ele proclama: “coloquemos, na universidade, a física ao lado da filosofia, a lingüística com a matemática, a química com a ecologia” (p. 54).

O último capítulo do livro versa sobre a organização social contemporânea. O capítulo se organiza entre alguns elogios e alguns desaparecimentos. Elogia às notas, ao hospital, às vozes humanas, às redes, aos aeroportos e passaportes, todos eles símbolos desse tempo volátil. Em contrapartida, há um túmulo, o túmulo do trabalho que, de modo semelhante ao que ocorre com a escola, entendia os/as polegarezinhas/os que lá também tagarelam, pois, para Serres, a necessidade (não apenas das crianças e jovens, mas de todas as pessoas) é de comunicar-se.

Retomando a discussão a respeito do saber, Serres mostra como havia uma presunção da incompetência das massas por parte daqueles/as (dinossauros) que dominavam o saber. Hoje, porém, os/as polegarezinhas/os (nome para todos/as aqueles/as anônimos/as) podem saber tanto ou mais que esses/as dinossauros/as. Essa presunção da incompetência das massas gera angústias e debates acalorados sobre o pretenso disparate que seria deixar o saber disponível a todos/as. Mas Serres reconhece que esse medo já esteve presente em outros momentos da história (como quando o voto se tornou acessível a todos/as) e que ele tende a passar, dando lugar para todos/as que antes eram excluídos/as. A polegarzinha (mais no feminino do que no masculino) representa todos/as que eram excluídos/as. Mas não os representa como uma abstração. Ela os/as representa como

indivíduos, que se multiplicam, se pluralizam, se conectam, invadem nossas (deles?) salas de aula e reivindicam que suas vozes sejam ouvidas. Eles/as inauguram uma nova era. Não mais a era da complexidade ou do saber, mas a era da comunicação, da proliferação e da inventividade possibilitada por cabeças vazias e dedos velozes.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade*. São Paulo: Editora da UNESP, 1994.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. *O currículo como fetiche*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

Submetido em: maio de 2014
Aceito em: setembro de 2014